

O BULLYING NA ESCOLA E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Josefa Mirena dos Santos¹

Rita de Cássia de Souza²

Kathia Cilene Santos Nascimento³

Educação



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O presente trabalho discute a problemática referente ao fenômeno do *bullying*, por ser esse um assunto que tem permeado o contexto escolar. Trata-se de ações/agressões repetitivas cometidas geralmente por um grupo de alunos contra uma vítima, fazendo com que a mesma se sinta acuada, com medo e pensando em abandonar a escola, quando não é acometida por um transtorno emocional que a prejudica por muito tempo. Tem como objetivos analisar o fenômeno do *bullying* escolar e desmistificar os equívocos no tocante à compreensão do que é de fato o *bullying*. Os procedimentos metodológicos utilizados no presente artigo giraram em torno da revisão da literatura existente, partindo da análise de obras de autores com grande credibilidade no assunto como Fante (2005), Abramovay (2002), Silva (2010), Pereira (2002), entre outros, e também de uma pesquisa de campo, com a aplicação de questionário fechado para alguns discentes e outro aberto para docentes.

PALAVRAS-CHAVE

Bullying. Agressões. Vítima. Equívocos. Contexto Escolar.

ABSTRACT

This paper discusses the problems related to bullying phenomenon, being this a subject that has permeated the school environment. These are actions / repetitive assaults usually committed by a group of students against a victim, causing the same feel cornered, scared and thinking of dropping out of school, when it is not affected by an emotional disorder that impairs a long time. It aims to analyze the phenomenon of school bullying and demystify the misconceptions regarding the understanding of what is actually bullying. The methodological procedures used in this article centered on the review of the literature, based on the analysis of works of authors with great credibility on the subject as Fante (2005), Abramovay (2002), Silva (2010), Pereira (2002), among others, and also a field survey with a questionnaire closed for some students and another open to teachers.

KEYWORDS

Bullying. Aggression. Victim. Misconceptions. School Context.

1 INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição à qual foi delegada a educação dos cidadãos. No entanto, é sabido que a escola não consegue por ela mesma educar, nem tampouco sanar todos os problemas enfrentados no cotidiano, devido à diversidade de problemas que aparecem no âmbito escolar. Ela carece de um apoio da família, principal interessada na educação dos filhos, pois, dessa forma, poderá fazer um bom trabalho no qual os resultados serão satisfatórios para todos.

Cotidianamente, o ambiente escolar está impregnado por vários problemas relacionados ao comportamento dos alunos, e, tais problemas têm dificultado, sobremaneira, o trabalho docente, afetando diretamente os discentes, que muitas vezes acabam se desestimulando e perdendo o interesse pela escola e pelos estudos.

O *bullying* é o tema a ser discutido no presente trabalho, devido ao fato de ser uma temática que tem se destacado no cenário educacional nos últimos anos e de ser um problema que tem sido manchete de jornais em vários países. Além disso, o fenômeno do *bullying* tem prejudicado de forma significativa o desenvolvimento de muitos alunos. Devido à sua presença no cotidiano escolar, o *bullying* tem causado um clima ruim entre os alunos, afetando não somente a eles, mas também a todos que trabalham na escola.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivos, analisar o fenômeno do *bullying* na escola, mais especificamente na Escola Municipal Ruy Barbosa – Ensino

Fundamental I, na cidade de Coronel João Sá, Bahia, tendo como parâmetros, referenciais teóricos com notoriedade no assunto. Além disso, visa ainda, desmistificar os equívocos no tocante à compreensão do que é de fato o *bullying*, pois, na escola e fora dela, ele tem sido interpretado de modo equivocado.

As ações negativas referentes ao *bullying* são perceptíveis na maioria das escolas, e, devido ao prejuízo que ele tem acarretado na vida de crianças e adolescentes, existe a necessidade de um olhar mais atento para esse tema, visto que é de suma importância para toda a sociedade.

A escolha do tema em foco justifica-se por ser um problema enfrentado pela maioria das escolas do Brasil e do mundo, e também por ser um assunto atual no âmbito educacional, que pode trazer, a partir deste trabalho, grandes contribuições para a escola, professores e, principalmente, alunos. Justifica-se, também, pela ajuda que o trabalho com este tema pode trazer para a família, uma vez que esta aprenderá a lidar com o problema e ajudar os próprios filhos.

Os procedimentos metodológicos utilizados no presente artigo giraram em torno da revisão da literatura existente, partindo da análise de obras de autores com grande credibilidade no assunto, como Fante (2005), Abramovay (2002), Silva (2010), Pereira (2002), entre outros, e também de uma pesquisa de campo, com a aplicação de um questionário fechado para alguns discentes e outro aberto para docentes. O tipo de abordagem do presente artigo é qualitativa, cujo propósito é compreender o fenômeno que é observado em relação à temática abordada, objetivando, dessa forma, construir hipóteses que mais adiante, poderão responder a algumas indagações da pesquisa.

2 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO BULLYING

O *bullying* escolar é considerado, atualmente, como uma das novas formas de violência existente na sociedade, porém, há que se ter em mente que o referido termo não é uma novidade no cenário educacional, visto que já vem sendo discutido há anos, tanto no Brasil quanto em vários países do mundo. Mas, por se tratar de um problema a nível mundial, que tem atingido estudantes de todas as faixas etárias, prejudicando-os de modo significativo, surge o interesse de tantas pessoas em discutir e pesquisar o tema, principalmente no sentido de desmistificar alguns equívocos quanto à compreensão do mesmo e de se procurar meios para amenizá-lo, já que extirpá-lo é muito difícil.

Ao se discutir a temática referente ao fenômeno *bullying*, faz-se necessário buscar as raízes históricas desse problema tão sério no âmbito escolar, isto é, o local onde o termo foi utilizado pela primeira vez e quem foi o responsável por cunhá-lo.

Segundo Silva (2006, p. 43), "um dos pioneiros na utilização desse termo foi Dan Olweus, professor e pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega, ao

estudar tendências suicidas entre adolescentes". O pesquisador investigava alguns problemas nesse contexto já na década de 1970, no entanto, apenas na década de 1980, após o suicídio de três adolescentes, o termo *bullying* passou a ser caracterizado como compreendemos hoje, ou seja, por agressões repetitivas entre pares, prejudicando a vítima de modo que, em muitos casos, a mesma acaba abandonando a escola, quando não acontece coisa pior, como o exposto acima. A partir de critérios por ele definidos, algumas informações foram preponderantes para a explicação do vocábulo, dando a todos os interessados no assunto os caminhos necessários a um aprofundamento teórico coerente.

Partindo de uma contextualização histórica, é imprescindível ressaltar que, apesar de tanta notoriedade no cenário educacional atual, segundo Fante (2005) o *bullying* se tornou objeto de investigação na escola a partir da década de 1970. Foi a partir desse período que foram feitos os primeiros estudos sobre o tema, com base em investigações minuciosas, cujo propósito era perceber como se dava a relação entre pares, mais especificamente, entre agressor e vítima no contexto escolar.

Na verdade, a violência escolar caracterizada como *bullying* sempre existiu no âmbito escolar, mas, não com esse nome, no entanto, foi a partir dos estudos Dan Olweus que se passou a distinguir o *bullying* de outros problemas corriqueiros do cotidiano escolar, como as famosas brincadeiras entre as crianças/alunos, os apelidos, os estranhamentos, algumas agressões verbais ou físicas, alguns insultos, pontapés, fofocas etc.

2.1 CONCEITOS SOBRE O BULLYING ESCOLAR E ALGUNS EQUÍVOCOS SOBRE O FENÔMENO

Tratar do fenômeno *bullying* escolar não é tão simples quanto se parece, pois, muitas podem ser as contradições existentes entre as ações que podem ser consideradas *bullying* das que não são. Desse modo, antes de usar esse termo, é fundamental que as pessoas façam antes, uma pesquisa sobre o mesmo, para não o usarem apenas como se fosse uma palavra que está na moda.

O termo *bullying* é de origem inglesa, e, tem em sua carga semântica o sentido de valentia, já que *bull* significa touro. Pegando o termo *bully*, teríamos o verbo bolir, no sentido de mexer, associando essa ideia, também, à ideia de que os "valentões" têm a mania de mexer com os outros. De acordo com o dicionário Michaelis (on-line), *bully* significa "brigão, ameaçar, amedrontar, intimidar".

Nessa linha de raciocínio, pode-se definir *bullying* como o ato de alguém banicar o valentão para cima de outrem, fazendo com que o mesmo sintam-se intimidado e que essa ação se repita com frequência, causando constrangimento à vítima, ou problemas mais sérios, como por exemplo, transtornos emocionais.

No entanto, o simples fato de alguém bancar o valentão não pode ser caracterizado de modo geral como *bullying* pois, para certas atitudes serem consideradas *bullying*, elas devem ser repetitivas e, principalmente, ocorrer entre pares, ou seja, de aluno para aluno, de professor para professor etc.; também, se um aluno coloca um apelido em outro ou o agride verbal ou fisicamente, mas essa ação não se repete, nesse caso não há *bullying*.

De acordo com Hirigoyen (2002, p. 79), o *bullying* é uma “forma de descrever as humilhações, os vexames ou as ameaças que certas crianças ou grupos de crianças infligem às outras”. Todas essas práticas geralmente ocorrem de modo velado, ou seja, distante da visão de adultos que possam esboçar algum tipo de intervenção.

Muitas são as atitudes que podem ser consideradas *bullying*, como podemos mencionar: chacotear, ridicularizar, xingar, humilhar, colocar apelidos, perseguir, inventar mentiras, ameaçar, amedrontar, torturar física ou psicologicamente, espalhar boatos de modo verbal ou por meio da internet (ciberbullying) etc. Ou seja, devido toda a sua elasticidade semântica, coube o uso de um termo que pudesse sintetizar tudo isso, sendo a palavra *bullying* a que melhor comporta todos esses significados. No entanto, essas ações não podem estar dissociadas dos três tópicos que juntos, caracterizam o fenômeno: serem repetitivas, ocorrerem entre pares e prejudicar de alguma forma a vítima.

De acordo com Fante (2005, p. 21), a prática do *bullying* acontece de modo oculto, por “meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos, prolongadamente contra uma mesma vítima”. Ou seja, aqueles que cometem *bullying* não o fazem às claras, para todos verem. Essa prática geralmente ocorre, na escola, longe dos olhos do professor, isto é, quando ele não está na sala, ou nos momentos de recreio, mais especificamente no pátio e no entorno da escola. Corroborando com as ideias acima explicitadas, O bullying:

É uma forma séria de comportamento antissocial que, pela sua duração, pode prejudicar o desenvolvimento da criança, tanto imediatamente como em longo prazo, sendo contribuinte para o maior envolvimento dos “bullies activos” em comportamentos criminais na vida adulta. (PEREIRA, 2002, p. 31).

O que Pereira quer dizer é que, pelo comportamento não condizente com os padrões estabelecidos socialmente, os praticantes do *bullying* geralmente acabam se tornando criminosos no futuro, não apenas eles, mas também algumas de suas vítimas que, por terem sofrido quando criança ou adolescente, acabam achando que precisam se vingar de seu sofrimento em alguém.

Dessa forma, tem-se que a problemática referente a esse assunto carece ser observada com muito cuidado nas escolas. As crianças e adolescentes saem de suas

casas para a escola com outros objetivos, tais como estudar, aprender, divertir-se, socializar-se, enfim, em busca de algo positivo, porém, têm sido vítimas desse problema que assola estudantes em todas as escolas. Essa vitimização tem ocorrido por meio de apelidos, risadinhas, cochichos, intimidação, ameaça etc. Vale lembrar que tais ações têm ocorrido rotineiramente.

É importante salientar, no tocante à questão de vítima e agressor que os agressores:

Geralmente acham que todos devem fazer suas vontades, e que foram acostumados, por uma educação equivocada, a ser o centro das atenções. São crianças inseguras, que sofrem ou sofreram algum tipo de agressão por parte dos adultos. Na verdade, eles repetem um comportamento aprendido de autoridade e de pressão. (NOGUEIRA, 2007, p. 99).

À luz da citação acima, percebe-se que o autor tem razão em seu modo de enxergar os agressores da prática do *bullying*, uma vez que, fica nítido a partir da ação deles para com suas vítimas, o desejo de que os outros façam tudo do jeito que eles querem e na hora que eles querem; atitude que pode ser interpretada, partindo para o contexto familiar, com a ação de pais autoritários dando ordens aos filhos e estes, por não se atreverem a responder ou ir de encontro às ordens dos pais, veem na escola um lócus onde podem encontrar alguém "inferior", em quem possam mandar. Às vezes, a falta de respeito que eles demonstram na sala de aula com os colegas, a fala sempre em tom fora do comum, tem relação com a forma como são tratados em casa.

Dentre as características que se observa nos agressores do fenômeno do *bullying*, a "inteligência" é uma que se destaca. Eles geralmente são muito espertos ao escolher suas vítimas, procurando sempre pessoas mais frágeis fisicamente, sem condições de responder à altura a uma agressão. Eles geralmente são mais fortes do que suas vítimas, usando essa característica a seu favor para se impor.

Conforme a compreensão de Pereira acerca dessa questão, o que caracteriza o *bullying*:

É a intencionalidade de fazer mal e a persistência de uma prática a que a vítima é sujeita, o que diferencia o "bullying" de outras situações ou comportamentos agressivos, sendo três os fatores fundamentais que normalmente o identificam: 1) o mal causado a outrem não resultou de uma provocação. 2) as intimidações e a vitimização de outros têm caráter regular, não acontecendo apenas ocasionalmente. 3) geralmente os agressores são mais fortes (fisicamente), recorrem ao uso

de arma branca, ou têm um perfil violento e ameaçador. As vítimas frequentemente não estão em posição de se defenderem ou procurar auxílio. (PEREIRA, 2002, p. 18).

Percebe-se conforme a fala do autor em questão, que há alguns indícios que caracterizam o *bullying*, como ficou bem claro por meio dos três pontos acima delineados. Isso ajuda e muito na desmistificação quanto ao fenômeno, uma vez que o mesmo tem virado um modismo na boca das pessoas, principalmente dos alunos que, ao primeiro apelido colocado por um colega, já acha que é vítima de *bullying*, quando na verdade, essa ação isolada, não pode ser caracterizada como *bullying*.

As vítimas do *bullying* são escolhidas geralmente pelo padrão de comportamento, isto é, quando demonstram mais fragilidade. Na verdade, o *bullying* cresce cada vez mais devido ao fato de as vítimas deixarem claro para os agressores que têm medo deles. Dessa forma, não denunciam e acabam sendo vitimizadas por muito tempo, pelo menos enquanto os *bullies* não encontrarem novos alvos.

É comum que as vítimas de comportamento violento ou agressivo vivenciem sentimentos de medo, vergonha, raiva e impotência que rebaixam a autoestima; e, sendo por um prolongado período de tempo expostas à ação dos seus agressores e aos olhares indiferentes, omissos ou desdenhosos dos seus "expectadores", é natural que mobilizem cadeias de construções de pensamentos, que estimulam reações como ansiedade, irritação, angústia, tristeza, melancolia, além de pensamentos de vingança e suicídio. (FANTE, 2005, p. 157).

Dentre todos os males que o *bullying* pode provocar na vida de uma criança ou de um adolescente, à luz do que foi acima supracitado, o pior é aquele que não é demonstrado, que fica enraizado na mente da(o) mesma(o). Ou seja, a raiva, o choro, o medo, o distanciamento é notório, mas, os pensamentos negativos que vão sendo alimentado ao longo dos anos em sua mente são a parte mais preocupante, uma vez que podem levá-la(a) a atitudes sem volta, como um assassinato ou um suicídio.

Em conformidade com a discussão em questão, Silva (2010, p. 12), assinala que:

As vítimas do bullying se tornam reféns do jogo do poder instituído pelos agressores. Raramente elas pedem ajuda às autoridades escolares ou aos pais. Agem assim, dominadas pela falsa crença de que essa postura é capaz de evitar possíveis retaliações dos agressores e por acreditarem que, ao sofrerem sozinhos e calados, pouparão seus pais da decepção de ter um filho frágil, covarde e não popular na escola.

Dessa forma, percebe-se que fica complicado para a escola ajudar os alunos vítimas de *bullying* a lidar com o problema e a tentar resolvê-lo. Na maioria dos casos a escola não tem conhecimento sobre o que está acontecendo entre os alunos. Não é à toa que o *bullying* tem como uma de suas características mais marcantes o fato de ser oculto, o que dificulta ainda mais na intervenção. Da parte dos pais, esses somente passam a desconfiar que os filhos possam estar sendo alvo de *bullying* escolar, quando notam mudanças muito repentinas de comportamento, como agressividade ou isolamento e, só têm certeza a partir de denúncias feitas por colegas dos filhos.

Ainda de acordo com Silva (2010, p. 25):

Além de os bullies escolherem um aluno alvo que se encontra em franca desigualdade de poder, geralmente este também já apresenta uma baixa autoestima. A prática do bullying agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis.

Muitas vezes os professores se deparam com alunos com problemas de baixo rendimento, de isolamento, de desinteresse pelas tarefas realizadas e pela escola de modo amplo e, muitas vezes procura respostas para compreender o que se passa com os mesmos, mas, conseguem perceber que o *bullying* está em ação. Somente quando o problema se agrava é que geralmente professores se dão conta da realidade.

Não se pode discutir um tema tão importante quanto o *bullying* sem que se cite uma pessoa de suma importância no assunto. A pessoa em questão é Abramovay (2006), cuja compreensão acerca do *bullying* é a de que o mesmo deve ser entendido como intimidação. Segundo a autora, não há a necessidade de se criar um termo em outra língua para explicar um fenômeno tão velho de intimidação na escola. Para ela, *bullying* é outro nome para uma das diversas violências que existem nas escolas e que envolvem a ridicularização do outro por meio de sua exposição ao constrangimento.

Nessa perspectiva, compreende-se que a pessoa que comete *bullying* com alguém, o faz simplesmente para mostrar-se superior, mesmo que essa "superioridade" esteja atrelada a um simples fator de diferença, seja ela física, social, cultural ou étnica.

É imprescindível ressaltar que, a pessoa que sofre *bullying* pode adquirir certos problemas que poderá lhe prejudicar por toda a vida, pois, muitas vezes sentindo-se rejeitadas, algumas pessoas, por não suportarem o convívio social, no qual as chaticotas, brincadeiras e humilhações são uma constante, acabam atentando contra a própria vida. Nessa perspectiva, Silva (2010, p. 156), afirma que:

Para algumas vítimas, mesmo após a interrupção do bullying, as consequências advindas dessa violência tendem a se propagar por toda uma existência, em decorrência das experiências traumáticas difíceis de serem removidas da memória. Em casos mais graves, quando a violência é intensa e contínua, a vítima pode chegar a cometer suicídio ou praticar atos desesperados de heteroagressão e autoagressão (homicídio, seguido de suicídio).

A essa citação, pode-se relacionar o primeiro caso desastroso referente ao *bullying*, ainda nos anos de 1980, quando três adolescentes cometeram suicídio, momento no qual as pesquisas de Dan Olweus passaram a ser referência no assunto e, o caso de Realengo, aqui no Brasil, quando doze adolescentes da Escola Municipal Tasso da Silveira no bairro de Realengo, na zona Oeste do Rio de Janeiro, foram mortos, em 2011, pelo ex-aluno Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, que depois cometeu suicídio. Após investigarem o que poderia ter levado o ex-aluno a cometer tamanha barbárie, descobriram que ele era vítima de *bullying* quando estudava na escola.

Desse modo, percebe-se que, em meio a tanta polêmica que tem existido atualmente sobre esse fenômeno mundial que é o *bullying*, a escola deve preparar-se o máximo possível para enfrentar essa realidade, uma vez que, grande parte dos casos tem ocorrido na escola, simplesmente por alguns alunos implicarem com as diferenças e fraquezas percebidas em alguns colegas.

Colaborando com essa ideia, Biaggio (1976, p. 173), diz que:

É difícil reduzir o comportamento agressivo, pois, este é reforçado diariamente, de maneira inconsistente. É frequente nas escolas e nas famílias a agressão trazer recompensas em algumas situações, em outras trazer punição, e em outras situações ainda, não ter punição alguma.

Com base no que diz Biaggio, faz-se necessário mostrar para a sociedade que o *bullying*, para ser combatido, não precisa necessariamente de punição, mas, de um bom trabalho de conscientização, de modo que cada pessoa saiba exatamente o problema que pode causar na vida de outras por suas atitudes relacionadas ao *bullying*.

Barros (1993, p. 159), afirma que, "quando a punição é excessiva, como no caso de pais enfurecidos que espancam os filhos procurando eliminar respostas agressivas, o modelo agressivo apresentado pelos adultos pode ser imitado pela criança punida." Daí a necessidade de dar mais valor ao diálogo do que à punição que, muitas das vezes, usada no sentido de educar, acaba deseducando.

Nesse contexto, cabe aos pais ou responsáveis, educar seus filhos da melhor forma possível, mostrando-lhes quais são os caminhos mais corretos a serem seguidos no dia a dia. Além disso, mostrar as consequências que o *bullying* pode acarretar na vida de uma pessoa, de modo que haja uma sensibilização e uma aprendizagem pelo exemplo.

Um dado preocupante, se analisarmos com cuidado o contexto do *bullying* é que, à escola, é depositada toda a responsabilidade em relação aos alunos que, trazendo diversos comportamentos para a mesma, devem ser amparados por ela, e, esta, deve procurar alguma forma para resolver os problemas que os alunos trazem de fora. Sendo assim, a escola terá que optar por trabalhar com foco em outras coisas, para educar alunos que muitas vezes não têm uma base familiar nesse aspecto.

Como difusora de conhecimento e construtora de relações sociais, a escola deve fazer a sua parte em relação a esse assunto, seja combatendo da forma que puder, seja lançando campanhas na própria escola que venham a educar os alunos sobre valores sociais. No entanto, sozinha ela não pode resolver todas as mazelas que rondam o âmbito educacional. Há que se ter o apoio da família, da comunidade, das autoridades educacionais, governamentais, etc.

3 METODOLOGIA

Como o trabalho acerca do *bullying* teve como foco a Escola Municipal Ruy Barbosa – Ensino Fundamental I, localizada na cidade de Coronel João Sá, Bahia, foi aplicado um questionário fechado para alguns alunos e outro aberto para alguns professores da escola em foco, cujo propósito era analisar como estava o relacionamento interpessoal entre esses atores escolares e como estava a situação referente ao *bullying*. Foi aplicado um questionário com cinco perguntas, tendo três professores e dez alunos como informantes.

3.1 ANÁLISE DOS DADOS

Os discentes informantes da pesquisa responderam às seguintes perguntas: Você já sofreu algum tipo de agressão ou intimidação nessa escola? Em que parte da escola a intimidação ou agressão aconteceu? Como você se sentiu quando isso aconteceu? Quais foram as consequências da intimidação ou agressão? Que tipo de intimidação ou agressão você sofreu?

Com base nas perguntas acima, as respostas foram as seguintes: sobre a primeira pergunta, cinco informantes disseram ter sofrido intimidação ou agressão, ao passo que os outros cinco disseram nunca ter sofrido nem intimidação nem agressão na escola. Sobre a segunda pergunta, dois informantes disseram que as agressões ou intimidação ocorreram na sala de aula e três responderam que o local foi o pátio. Em relação à terceira pergunta, todos os informantes responderam que o sentimento diante da intimidação e agressão de colegas foi de muito medo.

No tocante à quarta pergunta, acerca das consequências da intimidação e agressão na escola, dois informantes disseram que passaram a ficar muito tensos quando se aproximava o horário da aula e três disseram que os pais passaram a ter problemas com os pais dos agressores, pensando até em mudar os filhos de escola. Em se tratando da quinta questão, sobre os tipos de agressão, três informantes disseram que as agressões sofridas eram verbais e dois responderam que as agressões eram racistas. Observa-se, diante das respostas, que cinco informantes da pesquisa não se enquadram no grupo de vítimas do *bullying*, por isso, que as respostas das perguntas subsequentes (2 a 5) não foram mencionadas.

Vale salientar, à luz das respostas dos discentes, que em momento algum foi utilizado o termo *bullying* durante o questionário. A ideia era avaliar as respostas dos mesmos para ver se se tratava desse fenômeno.

Em relação ao questionário aplicado aos docentes, as perguntas foram as seguintes: Na escola onde você atua existe a prática do *bullying*? Os apelidos depreciativos constantemente sofridos podem causar problemas nos alunos futuramente? Especificamente em sua sala de aula há indícios de *bullying*? Que consequências você acha que o *bullying* pode acarretar na vida de uma criança? Na escola onde trabalha há algum projeto voltado para essa temática?

Respondendo à primeira pergunta os três informantes da pesquisa revelaram perceber a prática do *bullying* na escola. Acerca da segunda pergunta, todos os informantes responderam que futuramente, essas crianças podem tornar-se adultos violentos, de difícil relacionamento, tornando-se sérios problemas para a sociedade.

Em relação à terceira pergunta, dois informantes responderam que em sua sala de aula não há prática de *bullying*, visto que há um trabalho de conscientização por parte deles, apesar de em outras salas de aula se perceber tal prática e, um informante disse que há problemas de *bullying* em sua sala de aula, mas que está tentando de todas as formas acabar com o problema.

Sobre a quarta questão, os informantes da pesquisa disseram que, para uma criança as consequências são muitas, desde problemas emocionais, físicos, desinteresse pela escola, dificuldade de se relacionar com os outros etc. Em relação à quinta questão, os três informantes disseram que a escola ainda não tem nenhum projeto para lidar com o tema, apesar de isso ser uma necessidade, principalmente no sentido de prevenção.

Diante do exposto, tem-se que, como ficou claro a presença do *bullying* na escola em questão, a mesma precisa, urgentemente, fazer algo para combatê-lo, caso contrário, o mesmo poderá ganhar proporções que mais tarde podem não ser facilmente combatidas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *bullying* escolar foi a temática discutida no presente trabalho, que teve como propósitos analisar como tem sido esse fenômeno no ambiente escolar e desmistificar alguns equívocos inerentes ao mesmo, para que as pessoas, principalmente os alunos, não saiam utilizando o termo para qualquer problema que tiver com seus pares.

Ficou nítido, ao longo da exposição desse trabalho, o quanto o *bullying* pode prejudicar a vida de uma criança ou adolescente, podendo muitas vezes influenciar a práticas de assassinato e/ou de suicídio.

Também foram feitas várias considerações acerca das características peculiares dos agressores e das vítimas do *bullying*, mostrando que, enquanto os agressores fazem questão de oprimir, de mexer com o emocional, as vítimas tendem a se fechar em si mesmas, o que dificulta a ajuda por parte de um adulto.

A família foi citada como responsável pela educação dos filhos, por isso, ninguém melhor do que os pais para acompanharem seus filhos, ensinando-lhes o caminho correto a ser trilhado na sociedade, caminho este baseado no respeito, no diálogo, na solidariedade e na dignidade.

À escola ficou a parte da atenção e de um trabalho de conscientização. Já que o *bullying* ocorre de forma velada, como foi explicitado durante a discussão da temática em foco, a escola, por meio de seus professores e coordenadores pedagógicos, podem fazer trabalhos de prevenção, para que o ambiente escolar esteja cada vez mais livre do *bullying*.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, M. G. **Violência nas escolas**. Brasília: Unesco, 2002.
- BIAGGIO, A. M. B. **Psicologia do desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BARROS, C. S. G. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 1993.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.
- HIRIGOYEN, Marie France. **Assédio moral**: a violência perversa do cotidiano. São Paulo: Bertrand do Brasil, 2000.
- MICHAELIS. Significado de bully. **Dicionário de Inglês** [on-line]. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php?lingua=inglesportugues&palavra=bully>>. Acesso em: 19 maio 2015.

NOGUEIRA, R. A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. **Revista Iberoamericana de Educación**. Disponível em: <<https://www.rieoei.org/rie37a04.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2015.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto, PT: Dinalivro, 2002.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas na escola. São Paulo: Fontanar, 2010a.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: cartilha 2010. Projeto Justiça nas Escolas. Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2010b.

SILVA, D. G. da. **Violência e estigma**: bullying na escola. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Unisinos, São Leopoldo, 2006.

Data do recebimento: 28 de julho de 2015

Data da avaliação: 28 de julho de 2015

Data de aceite: 11 de agosto de 2015

1. Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Tiradentes (UNIT)/Sergipe. Campus Centro. E-mail: josefamirena@hotmail.com

2. Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Tiradentes (UNIT)/Sergipe. Campus Centro. E-mail: ritadecassiacjs@hotmail.com

3. Especialista em Língua de Sinais brasileira LIBRAS, em Linguística e em Educação a Distância. Pós-graduanda em Políticas Públicas e Contextos Educativos. Mestranda em Ciências da Educação. Atua como professora nos cursos presenciais e a distância da Universidade Tiradentes (UNIT)/Sergipe. E-mail: kathia.pesquisa@outlook.com